

Doutrina de Deus: Atributos de Deus (Parte 18): Santidade de Deus

Seção 03 / Aula 18

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 10/04/2024, 19:30:00 (horário de São Paulo)

Aula original: July 22, 2015

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 03](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 20/10/2026.

A santidade de Deus nas Escrituras

Temos falado sobre os atributos pessoais de Deus. Examinamos os atributos intelectuais de Deus, seus atributos volitivos, e hoje queremos nos voltar para os atributos morais de Deus. A primeira deles que queremos abordar é a santidade – a santidade de Deus. Queremos primeiro começar examinando alguns dados bíblicos relativos à santidade de Deus. Primeiro: Deus é o próprio padrão de bondade. Esta, parece-me, é a implicação de Romanos 9:14-21. Lá ele fala sobre o chamado de Deus sobre a vida de Jacó e a rejeição de Esaú: “Que diremos, então? Que Deus é injusto?”

De modo nenhum! Pois ele diz a Moisés: “Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e terei compaixão de quem eu tiver compaixão.” Assim, pois, isto não depende de quem quer ou de quem corre, mas de Deus, que tem misericórdia. Porque a Escritura diz a Faraó: “Foi para isto mesmo que eu o levantei, para mostrar em você o meu poder e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra.” Logo, Deus tem misericórdia de quem quer e também endurece a quem ele quer. Mas você vai me dizer: “Por que Deus ainda se queixa?”

Pois quem pode resistir à sua vontade?” Mas quem é você, caro amigo, para discutir com Deus? Será que o objeto pode perguntar a quem o fez: “Por que você me fez assim?” Será que o oleiro não tem direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro para desonra?” (NAA) Aqui Paulo diz que a eleição de Deus é baseada na decisão soberana do próprio Deus. Ele tem misericórdia de quem quer; ele endurece quem quer. Não há tribunal superior de apelação além de Deus. Não se pode levar Deus perante o tribunal de alguma justiça superior para dizer que isso é injusto da parte de Deus.

Por que? Porque o próprio Deus é o mais alto tribunal de apelação. O próprio Deus é o próprio padrão de bondade, justiça e retidão. Portanto, ele não pode ser levado a qualquer tribunal superior de apelação ou a qualquer tribunal superior. Deus não responde a ninguém porque ele próprio é o padrão de bondade e justiça. Dois: As Escrituras indicam que Deus é absolutamente santo. Veja Êxodo 3:3-5. Esta é a aparição de Deus a Moisés na sarça ardente. “Então disse consigo mesmo: — Vou até lá para ver essa grande maravilha. Por que a sarça não se queima?”

Quando o SENHOR viu que ele se aproximava para ver, Deus, do meio da sarça, o chamou e disse: — Moisés! Moisés! Ele respondeu: — Eis-me aqui! Deus continuou: — Não se aproxime! Tire as sandálias dos pés, porque o lugar em que você está é terra santa.” (NAA) A presença de Deus fez aquele solo sagrado para que Moisés fosse instruído a tirar os sapatos dos pés por

causa da santidade daquele lugar. Levítico 19:2: “Fale a toda a congregação dos filhos de Israel e diga-lhes: Sejam santos, porque eu, o SENHOR, o Deus de vocês, sou santo.”

(NAA) Aqui a ordem de Deus ao povo é que sua santidade se reflita em suas vidas. Eles deveriam ser santos porque o próprio Deus é santo. Finalmente, no último livro da Bíblia, em Apocalipse 4:8, lemos: “E os quatro seres vivos, tendo cada um deles, respectivamente, seis asas, estavam cheios de olhos, ao redor e por dentro. Não tinham descanso, nem de dia nem de noite, proclamando: “Santo, santo, santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir.”” (NAA) Então Deus é absolutamente santo. Essa é então a base para a santidade que deve caracterizar as nossas vidas.

Terceiro: a santidade de Deus serve para expor a pecaminosidade do homem. Isaías 6:1-5. Está é a visão de Deus que Isaías teve no templo. “No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. Serafins estavam por cima dele. Cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os pés e com duas voava. E clamavam uns para os outros, dizendo: “Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória.”

Os umbrais das portas se moveram com a voz do que clamava, e o templo se encheu de fumaça. Então eu disse: — Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de lábios impuros; e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!” (NAA) Aqui, a visão da impressionante santidade de Deus cria em Isaías um profundo sentimento de sua própria impureza e injustiça em comparação com a santidade de Deus. A terrível pureza de Deus serve para expor a nossa própria maldade e inadequação.

Quarto: a santidade de Deus separa o homem de Deus. Veja o profeta Habacuque. Habacuque 1:13a. O profeta diz do Senhor: “Tu és tão puro de olhos, que não podes suportar o mal nem tolerar a opressão.” (NAA) Os olhos de Deus são puros demais para ver o mal. Ele não pode encarar o mal por causa de sua santidade. Como resultado, nós (sendo transgressores e profanos) estamos, espiritualmente, separados dele. Não podemos permanecer em sua presença. Isaías 59:1-2 expressa isso muito bem. “Eis que a mão do SENHOR não está encolhida, para que não possa salvar; e o seu ouvido não está surdo, para não poder ouvir.

Mas as iniquidades de vocês fazem separação entre vocês e o seu Deus; e os pecados que vocês cometem o levam a esconder o seu rosto de vocês, para não ouvir os seus pedidos.” (NAA) Aqui Isaías diz: O problema não é da parte de Deus. Ele é onipotente. Ele é onisciente. Ele pode ouvir suas orações. A falha não é com Deus. É que o seu pecado e a sua maldade criaram esta separação entre você e Deus, de modo que ele não ouve as suas orações. Portanto, a santidade de Deus serve para separar o homem pecador da comunhão e da presença de Deus.

A santidade de Deus dispersa o mal assim como a luz dispersa as trevas. Eles não podem permanecer juntos. Alguma dúvida sobre esses dados bíblicos relativos à santidade de Deus? Aluno: Deus está acima da lei ou está sujeito à lei? Porque se você olhar o que Cristo disse – “não vim para revogar, mas para cumprir.” (NAA) Você também tem outros casos nas Escrituras onde Deus parece estar se submetendo à sua própria lei. Craig: Vamos adiar isso até chegarmos à próxima seção. Então discutiremos isso. Certamente Jesus, como homem, foi

obediente à lei de Deus porque tinha uma natureza humana e cumpriu perfeitamente as exigências da lei.

A questão seria: sendo uma pessoa divina, Deus se submete à sua própria lei? Direi algo mais sobre isso em um momento. Aluno: A santidade de Deus separa as trevas da luz. O que entendo é que Jesus Cristo nos leva a ele, mas ele mesmo disse: “Ninguém vem ao Pai senão por mim”. Estou entendendo isso certo? Craig: Que Jesus Cristo é o mediador entre Deus e o homem? Aluno: Absolutamente, mas foi dito: a santidade dele nos separa dele porque somos pecadores. Mas então o próprio Cristo, sendo parte da Trindade, nos leva a...

Craig: Sim, a Escritura diz que temos redenção por meio do homem Cristo Jesus. Ao assumir a carne humana e morrer em nosso lugar, ele faz expiação pelos nossos pecados para que a brecha entre nós e Deus possa ser curada e possamos ser perdoados dos nossos pecados e assim ter comunhão com um Deus santo. Na verdade, como veremos em um momento, nós em Cristo somos constituídos justos e declarados justos como Deus. Diremos algo mais sobre isso em um momento. Aluno: você disse que Deus é o padrão de santidade. Craig: O padrão de bondade.

Aluno: Você tem esses ateus que estão sempre falando mal de Deus e são muito abusivos em relação a Deus e ao seu caráter – como se Sam Harris simplesmente fizesse um discurso retórico e nos dissesse o quão terrível Deus é. Isso seria uma espécie de resposta para isso, certo? Craig: Sim, acho que está correto. Acho que Paulo, com base no que ele diz em Romanos 9, é que ninguém pode acusar Deus de fazer algo errado. Ninguém pode lançar calúnias sobre o caráter de Deus porque o próprio Deus é o padrão do certo e do errado.

Não existe um tribunal superior, nenhum tribunal superior ao qual se possa apelar, perante o qual Deus possa ser levado. Acho que Paulo diria a Sam Harris: Quem é você, um homem, para responder a Deus? O próprio Deus é o mais alto tribunal de apelação. Isso levanta algumas questões realmente interessantes, como veremos em um momento. Mas pelo menos acho que essa é a implicação daquela passagem em Romanos 9. Vamos dar uma

Bondade, mandamentos e objeções

olhada em uma análise sistemática desse atributo. Aqui, como já foi sugerido, enfrentamos o que é chamado de “Dilema de Eutífron”. O Dilema de Eutífron recebeu o nome de um personagem de um dos diálogos de Platão chamado Eutífron. O dilema basicamente é assim: “Há algo bom porque Deus deseja que seja assim? Ou Deus deseja algo por que isso é bom?” Se você diz que algo é bom só porque Deus o deseja, isso torna o bem e o mal arbitrários. Deus apenas inventa o que é certo e o que é errado, e ele poderia ter declarado que o ódio é bom e o amor é mau.

Então seríamos moralmente obrigados a odiar uns aos outros, e tentar fazer mal uns aos outros. Parece loucura que o bem e o mal, o certo e o errado, sejam arbitrários assim. Portanto, não pode ser o caso que o bem seja aquilo que Deus quis que ele fosse. Mas então se você disser não, Deus deseja o que é bom, então o bem é independente de Deus. Deus vive de acordo com o padrão de bondade. O que é bom e mau é independente de Deus, e Deus sempre deseja a coisa certa. Ele sempre deseja o que é bom.

Nesse caso, Deus não é o padrão de justiça e bondade. Há algo além dele com o qual Deus deve se conformar. Ele tem que, para ser bom, comandar as coisas de acordo com o que é bom, independentemente dele. Portanto, o Dilema de Eutífron tem a implicação de que Deus não pode ser a fonte da bondade moral. Ou o bem é independente de Deus e Deus apenas faz o que é bom, ou então o bem e o mal são puramente arbitrários e criados por Deus. Os filósofos cristãos, no entanto, expuseram o Dilema de Eutífron como um falso dilema.

As duas alternativas, talvez apesar das primeiras aparências, não são exaustivas. Não é como se você tivesse que escolher entre A ou não-A. Isto é como escolher entre A e B, e pode haver uma terceira alternativa C. Na verdade, neste caso penso que nenhuma das duas alternativas é correta, e elas não são exaustivas. A alternativa correta é dizer: “Deus quer algo porque ele é bom.” Isto é, Deus é o padrão de bondade. Deus é o que Platão chamou de O Bom. Ele é, por sua própria natureza, justo, amoroso, gentil, compassivo, sincero, leal e assim por diante.

Ele tem todas essas virtudes como parte de sua essência e, portanto, esses bens estão ancorados no ser de Deus. São bens porque são propriedades de Deus – virtudes de Deus. Deus é o Bom e ele determina o padrão de bondade. O Bem não é algo independente de Deus ao qual Deus se conforma, nem o Bem é baseado na vontade de Deus – na sua decisão arbitrária. Pelo contrário, o próprio Deus é O Bom e ele é assim por sua própria natureza. Quando Deus nos dá ordens morais, estas são expressões de sua natureza perfeitamente boa.

Estes se tornam nossos deveres morais, de maneira que certo e errado (obrigação moral e proibição) baseiam-se nos mandamentos de um Deus justo e amoroso. O bem e o mal são determinados pela natureza de Deus; certo e errado (nossos deveres morais) estão ancorados na vontade de Deus, que é uma expressão dessa natureza e, portanto, não simplesmente escolhidos arbitrariamente. O que isso sugeriria então, em resposta à pergunta anterior, é que Deus não está abaixo da lei. Essa seria a visão de que Deus de alguma forma se conforma a uma lei moral independente que existe à parte dele.

Pelo contrário, aqui penso que o filósofo Immanuel Kant fez uma distinção muito útil entre agir por dever ou agir de acordo com o dever. Deus nos dá comandos morais que constituem nossos deveres ou obrigações morais. Agimos por dever. O dever ou obrigação nos é imposto. Quando fazemos essas coisas, cumprimos nosso dever. Agimos por dever. Mas quando Deus faz isso, não é como se ele estivesse agindo por dever, porque presumivelmente ele não dá ordens a si mesmo, certo? Portanto, ele não tem quaisquer deveres morais no sentido literal, mas devido à sua natureza perfeitamente boa, ele age de acordo com o que seria um dever moral.

Agimos por dever, mas Deus, por sua própria natureza, simplesmente age de acordo com o dever moral. Mas ele não tem literalmente deveres morais porque não dá ordens a si mesmo, e os comandos são a fonte de nossas obrigações morais. As obrigações surgem como resultado de imperativos morais: “Farás isto”, “Não farás aquilo”. Estes imperativos morais provêm de uma autoridade qualificada; a saber, Deus que é a própria bondade. Esta visão da relação entre Deus e o Bem é às vezes chamada de “moralidade de comando divino”. Isto é, os nossos deveres morais baseiam-se nos mandamentos que Deus nos deu – eles constituem os nossos deveres – mas esses mandamentos não são arbitrários.

Isso seria uma espécie de teoria voluntarista do comando divino que alguns pensadores cristãos têm defendido, mas a maioria diria, não, estes mandamentos que ele dá são expressões da sua

própria essência. Portanto, é impossível que Deus pudesse ter ordenado, digamos, que o ódio fosse bom e o amor fosse mau, porque isso seria contradizer a sua própria essência. Ele é amoroso por natureza e, portanto, emitir tal comando contradiria sua natureza, o que é logicamente impossível, como vimos. Alguma dúvida sobre isso? Aluno: o que dizer a quem cobra Deus com a mesma coisa que você disse que ele não pode fazer, que é dar uma ordem imoral na mensagem de hoje [sermão anterior], Paulo [o pastor] estava falando sobre Josué, onde eles foram ordenados a cometer genocídio basicamente contra um povo, enquanto foram ordenados a destruir tudo dentro dos muros da cidade de Jericó.

A objeção que ouço sobre esse mandamento moral divino é que você tem o Antigo Testamento repleto de mandamentos onde eles deveriam abater todos os seres vivos – criança, mulher, animal de estimação, o que quer que seja. Qual é a resposta então para isso? Craig: Se você olhar em nosso site ReasonableFaith.org tenho algumas perguntas da semana em que luto com esse problema. O que tento fazer é defender uma teoria ética que permitiria que Deus fosse perfeitamente bom e todo-poderoso e, ainda assim, emitir esse tipo de comando horrível, como entrar e matar todos na cidade – homens, mulheres e crianças.

Acho que a teoria que expus aqui nos permite entender isso. Porque se Deus é a fonte dos nossos deveres morais, isso significa que Deus poderia ordenar a uma pessoa que fizesse algo que, na ausência de uma ordem divina, teria sido pecado. Mas, dada a ordem divina, agora se torna a coisa certa a ser feita pela pessoa. Se os exércitos de Israel, por exemplo, tivessem decidido por si próprios ir lá e massacrar o povo, isso teria sido errado. Teria sido assassinato ou crimes de guerra. Mas, tendo recebido uma ordem divina, eles agora têm o dever moral de fazer isso.

Portanto, eles têm a obrigação de cumprir esse comando, por mais horrível que seja. Deus não tem a capacidade de ordenar que uma pessoa peque, mas tem a capacidade de ordenar que uma pessoa pratique uma ação que, na ausência de uma ordem divina, teria sido pecado. A questão então é: é incompatível com a natureza de Deus como um ser todo-amoroso e compassivo emitir tal ordem? Eu diria que, neste caso, não. Porque essas tribos cananéias que Deus ordenou aos exércitos de Israel expulsar da terra e aqueles que tentaram ficar para trás e lutar seriam exterminados eram incrivelmente perversos.

Durante quatrocentos anos, diz a Bíblia, Deus suspendeu a sua mão de julgamento sobre estas tribos cananéias porque, diz ele a Abraão, a iniquidade dos cananeus ainda não estava completa. Assim, ele permitiu que o seu povo Israel definhasse durante quatro séculos no Egito, até que a iniquidade dessas tribos cananéias se tornasse tão madura para o julgamento de Deus, então usou os exércitos de Israel como meio de julgar esses povos por sua maldade. Ele não fez nada de injusto ao ordenar o extermínio dos adultos, pelo menos, dessas tribos cananéias, porque eles eram incrivelmente perversos e merecedores de julgamento.

Da mesma forma que séculos mais tarde Deus usaria os exércitos pagãos da Babilônia para invadir Israel e trazer julgamento sobre o seu próprio povo pela sua maldade e perversidade. O problema realmente difícil, então, parece-me, são as crianças. Como é consistente com a natureza de Deus que ele ordenasse que essas crianças cananéias fossem mortas? Aqui o que eu diria é que Deus não faz mal a essas crianças ao tirar-lhes a vida cedo. Deus tem o direito de

dar e tirar a vida como achar melhor. Ninguém pode dizer a Deus: Você deveria ter me deixado viver mais.

Tenho direito a uma vida longa. Muitas pessoas morrem na infância. É prerrogativa de Deus encerrar a vida de uma pessoa. Ele tem o direito de tirar a vida destas crianças cananéias sempre que quiser. Além disso, se você acredita como eu (e penso como Jesus), na salvação de crianças pequenas, então, ao antecipar a morte dessas crianças, Deus garantiu sua salvação eterna. Em outras palavras, ele lhes conferiu um bem incomensurável – a vida eterna, o conhecimento de si mesmo. Considerando que se estas crianças tivessem sido autorizadas a viver, especialmente na cultura cananéia, eles teriam sido infectados com o mesmo veneno que os adultos e a maioria deles teria se perdido.

Suas mortes significariam na verdade sua salvação. Essas crianças, uma vez no céu, ficariam gratas por Deus ter emitido tal ordem aos exércitos israelenses para eliminá-los. Parece-me que não há ninguém a quem Deus tenha ofendido neste caso. Os adultos mereciam o castigo. As crianças são libertadas do mal e recebem a salvação para a vida eterna. Portanto, ninguém é injustiçado ao executar o comando. Não é inconsistente com a natureza compassiva e amorosa de Deus emitir tal ordem. Mais uma coisa que gostaria de dizer. Por que Deus faria isso? Penso que, ao emitir uma ordem tão horrível, Deus deu uma lição prática ao povo de Israel sobre a necessidade de se separarem dos deuses e povos pagãos de uma forma que de outra forma não poderiam ter aprendido.

Todo o sistema da lei do Antigo Testamento é baseado na separação das coisas. Não comer certos alimentos, algumas coisas são limpas, outras são impuras, não misture linho e lã, outras coisas não devem ser misturadas. Repetidas vezes, essas leis rituais no Antigo Testamento enfatizam não a mistura das coisas, mas a sua separação. Estas deveriam ser lições objetivas para o povo de Israel que eles foram separados por Deus como um povo peculiar, santo e dedicado a ele. Como tal, não deviam misturar-se ou comprometer-se com os povos pagãos dos vizinhos de Israel. Acho que essa ordem horrível de entrar e expulsar essas tribos cananéias e de exterminar qualquer um que tentasse ficar para trás foi uma lição prática que Deus lhes deu sobre a importância de ser esse povo separado, santo, dedicado e separado para o Senhor.

Sabemos que mesmo esta lição no final não foi infalível. Na verdade, eles caíram, com cansativa repetição, no erro de absorver a adoração dos deuses de seus vizinhos pagãos e de se casarem com cananeus e outros povos. Portanto, mesmo esta lição não produziu infalivelmente o seu resultado. Mas parece-me que isso daria a Deus uma boa razão para emitir tal ordem. Essa seria minha defesa desses comandos. Parece-me que não há nada aqui que seja incompatível com o fato de Deus ser todo-poderoso e todo-amoroso e, além disso, que se ajuste ao mandamento divino.

Teoria da ética onde tudo o que Deus ordena que você faça se torna seu dever moral de fazer. Aluno: Como isso absolve Deus dos atos dos israelenses, quando eu poderia dizer e você poderia dizer e as pessoas disseram ao longo dos séculos: “Recebi uma ordem de Deus para escravizar essas pessoas ou matá-las”? Craig: Eu diria que isso não isenta Deus do que os exércitos israelenses fizeram. Pelo contrário, eles eram o seu instrumento. Eles eram de Deus fazendo essas coisas por meio desses exércitos. Eles eram seu meio de julgamento. Tal como no Conde de Monte Cristo, quando Edmond Dantes procura vingança contra os três homens

que o enviaram injustamente para a prisão, ele não pensa em fazê-lo por animosidade ou vingança pessoal, mas vê-se como o instrumento de Deus – o instrumento de Deus – para trazer a justiça de Deus sobre estes três homens por sua maldade.

Da mesma forma, os exércitos de Israel são o instrumento de Deus pelo qual ele traz julgamento sobre este povo, da mesma forma que os exércitos pagãos da Babilônia, séculos mais tarde, foram o instrumento pelo qual Deus julgou seu próprio povo. Agora, a pergunta que você faz é aquela que as pessoas sempre fazem – e um jihadista? Terroristas muçulmanos que dizem que Deus nos deu esta ordem para matar homens, mulheres e crianças inocentes em nome de Alá. Que tal? Isso não justifica isso? De jeito nenhum! Por que? Não porque o muçulmano tenha a teoria moral errada, mas porque ele pegou o deus errado.

Certo? Deus não emitiu esses mandamentos. Ele está adorando um deus falso; um deus cujo caráter é muito diferente do Deus descrito no Novo Testamento. Na verdade, penso que a teoria moral muçulmana está correta, desde que seja uma teoria do comando divino que está enraizada na natureza de Deus e não na sua vontade. O Islã tende a ser muito voluntarista. No Islã, Allah poderia agir até mesmo de forma contrária à sua própria natureza. Sua onipotência supera tudo. Mas na medida em que a teoria que descrevi é uma teoria do comando divino, não é aí que encontro falhas no jihadista.

É que ele pegou o deus errado. É claro que isto sublinha ainda mais enfaticamente a importância de termos certeza de que estamos adorando e servindo o deus certo, porque se não estivermos, você poderá ser levado a todo tipo de maldade e mal terrível. Aluno: Um problema com a análise é que em vários lugares nas Escrituras nos é dito que Deus não faz acepção de pessoas ou que Deus não é parcial em relação a uma pessoa em detrimento de outra. Você tem dois filhos de seis meses – um israelense, um cananeu – por que Deus os trataria de maneira diferente?

Meu segundo ponto é: o que você acha do argumento que algumas pessoas têm apresentado sobre as descrições do genocídio dos cananeus. Craig: OK, deixe-me interromper porque vocês dois usaram a palavra “genocídio” e esse é um rótulo pejorativo que os oponentes da visão bíblica colocam sobre isso. Isto não é genocídio. Não é como o que Adolf Hitler tentou fazer na Segunda Guerra Mundial – exterminar um povo. A ordem dada aos exércitos israelenses era expulsar as tribos cananéias da terra. O que ele estava fazendo era destruir esses reinos como estados-nação, despojando-os da terra e entregando-a a Israel.

Era então a terra deles. Isto é o que é tão importante para estes povos do Médio Oriente – é a terra. Ainda hoje, quando você vai a Israel, os judeus falam em ir para “a terra” – é assim que eles se referem a Israel. O que era importante aqui era que essas tribos estavam agora a ser despojadas das terras, estavam a ser destruídas como estados-nação ao serem expulsas. Somente aqueles que ficaram para trás para lutar seriam mortos e exterminados. Não houve ordem para perseguir essas pessoas e persegui-las e exterminar todas elas.

Pelo contrário, aqueles que fugiram não foram caçados. Eles aparecem mais tarde nas Escrituras. Isso não é genocídio. Esta é uma ordem para expulsar as pessoas da terra e apenas para matar aqueles que permaneceram na terra. Isso é terrível e horrível por si só, mas não é genocídio. Essa é uma verdadeira descaracterização disso. Aluno: Então as duas perguntas que eu tinha, eram antes de tudo, as descrições que Deus não faz acepção de pessoas, ele é

imparcial. Craig: Deixe-me dizer algo sobre isso primeiro porque o tempo está acabando e talvez você possa guardar a segunda pergunta para a próxima semana.

Esse é um versículo de Tiago onde ele fala sobre a diferenciação entre ricos e pobres e não devemos tratar as pessoas com parcialidade por causa de sua importância ou de sua riqueza e outras coisas. Mas Romanos 9 diz que Deus terá misericórdia de quem ele tiver misericórdia, ele terá compaixão de quem ele tiver compaixão. Portanto, Deus não tem a obrigação de prolongar a vida de alguém só porque ele é, digamos, israelita, ou de tirar a vida de alguém porque ele não o é. Acho que temos que dizer que cabe a um Deus soberano quantos anos ele nos dá neste planeta até encerrar a nossa vida.

Mas quero acrescentar isto: a vontade de Deus é que toda pessoa humana que ele cria seja salva. Portanto, ele quer criar um mundo no qual graça suficiente para a salvação seja oferecida a cada pessoa criada. A única razão pela qual alguém teria falhado em alcançar o céu e a vida eterna é porque rejeita livremente a graça de Deus e todos os seus esforços para salvá-los. Portanto, Deus não é parcial nesse sentido. Ele concede graça suficiente para a salvação a cada pessoa que ele cria e deseja que cada pessoa seja salva.

Vamos inclinar nossas cabeças para uma oração, por favor:

Referências

Platão, Eutífron, diálogo mencionado na discussão do dilema moral.

O Conde de Monte Cristo, romance usado como ilustração na aula.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2015 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 20/10/2026.

Fonte original:

<https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-doctrine-of-god-attributes-of-god/doctrine-of-god-part-18/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-atributos-de-deus-parte-18/>